



Os Modelos Ópticos em Proust

Autor: Eduardo Kives

Orientadora: Marta Regina de Leão D'Agord
Instituto de Psicologia UFRGS

Introdução

O projeto *Os Modelos Ópticos em Proust* faz parte da pesquisa *Psicanálise e Literatura*, cujo objetivo é a análise da elaboração conceitual que emerge, no campo da psicanálise, a partir do diálogo com a Literatura.

Em 2014, foi apresentado o projeto *A Serendipidade e a Leitura Proustiana dos Signos*, que trabalhou, no primeiro ciclo da obra *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, com os conceitos de serendipidade e identificação. No projeto atual, a ênfase recai sobre o segundo ciclo, *A Sombra das Raparigas em Flor*, onde os modelos ópticos proliferam.

Quanto a estes, o próprio Narrador, ao refletir sobre a função da obra enquanto instrumento óptico, esclarece-nos seu estatuto: tornam possível discernir o que, sem eles, não teríamos podido ver. Em outras palavras, atestam nossa alienação constituinte ao Outro, e o fato de que dependemos do olhar do Outro para poder ver.

Método

O método utilizado foi a escuta psicanalítica do texto, leitura pela escuta e escuta da leitura, a leitura polissêmica, através do que se intentou ultrapassar o que residia no enunciado e acessar a dimensão do não-dito.

Além disso, efetuou-se um mapeamento dos modelos ópticos presentes em *A Sombra das Raparigas em Flor* a fim de estudá-los à luz da teoria psicanalítica.

Tempo 'perdido'

O tempo - como diz o título da obra, 'perdido' - é um dos grandes objetos do romance de Proust. Com Lacan, pode-se pensá-lo não apenas como tempo passado, mas também como tempo real, ou seja, que não cessa de não se inscrever, acessível somente através dos modelos oferecidos na obra para enquadrá-lo. Nesse sentido, é notável que, na *Busca*, sejam raras as indicações diretas de passagem do tempo. É que os modelos de Proust diferenciam-se do modelo cronológico que habitualmente utilizamos.

Como o próprio Proust [1] nos indica em uma entrevista, ele equaciona a passagem do tempo à mudança dos personagens ao longo da obra: "(...) os diversos aspectos que um mesmo personagem terá assumido aos olhos de um outro, a ponto de ser personagens sucessivos e diferentes, darão - mas por isto somente - a sensação do tempo decorrido (Proust, 2006a, p. 510)". A esse respeito, tomemos, como exemplo, a emblemática sra. Swann, que, de coquete de baixo nível em *No Caminho de Swann*, torna-se dama badalada no ciclo seguinte.

Mas não só a diferença em um mesmo personagem indica que o tempo passa, como também a semelhança entre personagens diferentes. Tal semelhança - ao invés de uma inovação radical, trata-se de repetição destinada a sugerir uma verdade nova - possibilita, paradoxalmente, que se inscreva uma diferença no mundo do Narrador [2]: "Se, nesse gosto pelas diversões, tinha Albertine alguma coisa da Gilberte dos primeiros tempos, é porque existe certa semelhança, embora vá evoluindo, entre as mulheres que sucessivamente amamos (Proust, 2006b, p. 554)".

Modelos Ópticos

As fotografias, nos mostra o sr. de Charlus [2], são um tipo de modelo óptico: "Conservo fotografias da casa quando ainda estava intata e da princesa quando não tinha olhos senão para meu primo. A fotografia ganha um pouco de dignidade que lhe falta, quando deixa de ser reprodução da

realidade e nos mostra coisas que não existem mais (Proust, 2006b, p. 407)". Não existindo mais o objeto mostrado na fotografia, Charlus pode apreciar a fotografia em seu genuíno caráter de representação, - no caso, representação de um mundo que não existe mais, que traz "de volta" os tempos áureos da nobreza que decaiu com a ascensão da burguesia.

A pintura de Elstir, por sua vez, ao contrário das fotografias do sr. de Charlus, que tentam capturar totalmente o objeto, baseia-se em um esforço por não expor as coisas tal como se sabe que são, e sim em função de ilusões ópticas. Diferentemente do sr. de Charlus, a apreciação da representação acontece, em Elstir, pelas vias de um desvio do hábito, da produção de uma imagem estranha de uma coisa conhecida, e não pelo fato de o estado de coisas contido na imagem já não existir mais. A pintura se constitui, assim, como um modo de olhar para o duvidoso, o ambíguo - como quando o Narrador contempla uma aquarela que retrata uma pessoa fantasiada de Miss Sacripant, sem saber se se trataria de um jovem afeminado ou de uma rapariga um tanto viril.

Enfim, temos o estereoscópio, aparelho fonte de prestígio para o sr. Bloch, que, a partir da observação concomitante de duas imagens iguais observadas desde pontos de vista levemente diferentes, compõe uma única figura de três dimensões. O conceito físico que explica tal fenômeno é a paralaxe: a mudança aparente de um objeto devido à mudança do ponto desde onde ele é observado. É possível, pois, brincar com os efeitos da paralaxe, fechar um olho, depois outro, depois voltar a olhar a figura inteira no estereoscópio. Fazendo isso, estaríamos, junto com Elstir, no campo da deformação intencional. Mas o estereoscópio, como modelo óptico, vai além, ao mostrar não apenas que o olho deforma seu objeto, mas que o faz, habitualmente, sem que se tenha a intenção e sem que se perceba. É a mesma ideia que está por trás da pergunta que o Narrador [2] faz a si mesmo após ter tentado usar um binóculo para enxergar melhor a atriz Berma no palco do teatro: "Deixei o binóculo; mas talvez a imagem que recebia agora a minha vista, diminuída pelo afastamento, não fosse mais exata; qual das duas Berma era a verdadeira? (Proust, 2006b, p. 40)".

Considerações finais

A análise dos modelos ópticos presentes em *A Sombra das Raparigas em Flor* nos mostra que não é apenas o tempo que passa, mas também o olhar que muda - que, mudando, torna possível, por sua vez, perceber que o tempo passa. Ou seja, o enquadre da passagem do tempo ocorre, na obra, em função de os modelos ópticos possibilitarem a percepção de diferenças (em uma pessoa, em um lugar, em uma sociedade).

Além disso, os modelos ópticos também cumprem uma função na *Busca* enquanto romance de formação. Para que o Narrador possa, ao longo da obra, formar-se escritor, ele precisa, antes, formar-se leitor. Nesse sentido, os modelos ópticos são alegorias para modos de olhar o mundo, primeiramente como um empréstimo do Outro. Portanto, como vemos através de um Outro, é imprescindível um processo de distanciamento e ativa desconstrução. Tal desconstrução, propomos pensá-la como parte integrante do percurso de formação percorrido pelo Narrador, que, na busca por suas próprias lentes, experimenta diferentes modelos ópticos - o que torna possível, enfim, o encontro de seu estilo próprio.

Referências

[1] PROUST, Marcel (2006a). *No Caminho de Swann; cronologia, notas, prefácio, apêndice, resumo e posfácio*. São Paulo: Globo.

[2] PROUST, Marcel (2006b). *À sombra das raparigas em flor; notas, prefácio, apêndice, resumo e posfácio*. São Paulo: Globo.